

*Vertentes e Interfaces I: Estudos Literários e Comparados***APONTAMENTOS SOBRE DOIS POEMAS DE AUGUST VON PLATEN***Dionei Mathias**

RESUMO: August von Platen viveu entre 1796 e 1835. Escreveu peças de teatro e poesia em língua alemã. Hoje é mais conhecido pela obra lírica. Muitos de seus poemas tratam da insuficiência, ruptura e fragmentação da experiência subjetiva. Nesse bojo, este artigo deseja discutir os poemas “Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen“ (“Aqui, onde de neve dos Alpes os cumes coruscam”) e “Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts“ (“Importa de uma pessoa a dor, de uma pessoa a ferida nada”), buscando refletir sobre o modo como esses poemas discutem formas de administrar frustração e obtenção controle.

PALAVRAS-CHAVE: August von Platen; Controle; Frustração; “Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts“; “Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen“.

Introdução

August von Platen viveu entre 1796 e 1835. Como seu pai, Platen segue a carreira militar, da qual ele se licencia algumas vezes para se dedicar a estudos acadêmicos e à literatura. Nesse período também empreende viagens à Itália, onde permanece por períodos de duração variada, colhendo inspiração de cidades como Veneza e Roma. Nos últimos anos de sua vida, a permanência em sua pátria se dá somente de forma esporádica, preferindo a Itália como centro de sua existência. Em parte essa escolha remonta aos conflitos públicos entre ele e Heinrich Heine. Com a imagem pública comprometidas, ambos deixam o país para construir suas existências em outro lugar.

A poesia de August von Platen tem um lugar estabelecido na literatura de expressão alemã, embora sua recepção não se compare àquela de outras vozes do mesmo período como a de Heinrich Heine ou Novalis. Em parte, a recepção volta a se intensificar por conta do interesse de Thomas Mann na melancolia e na Veneza criada por esse poeta (SEYPPEL,

* Doutor em Letras pela Universität Hamburg e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

1959, p. 569). Platen faz experimentos com diversas formas, incluindo diálogos com literaturas de expressão italiana (BORGSTEDT, 2005; SPAZZARINI, 2018) e árabe. Dentre seus poemas mais conhecidos se encontram “Das Grab in Busento” (“O túmulo em Busento”) e Tristan (“Tristan”). Esses poemas falam de experiências de amor e lealdade incondicionais, ao mesmo tempo, também encenam processos de tomada de consciência, em que a voz lírica revisa sua narrativa de identidade e visão de mundo, produzindo uma reconfiguração em seus vetores acionais. Uma parte desse movimento de reconfiguração reside em acionar formas de processamento da realidade, especialmente em situações de frustração (“coping”) e de obtenção de controle e agência.

No processo de concretização existencial, todo indivíduo se vê confrontado com dois vetores básicos: ou seus anseios são satisfeitos, o que permite dar continuidade à realização de projetos pessoais, ou esses anseios são frustrados, forçando o indivíduo a idear estratégias de revisão de suas metas, para com isso também reaver o controle sobre seu percurso identitário. A satisfação dificilmente será problematizada pelo indivíduo, a frustração, por sua vez, desencadeia um movimento de reorganização dos investimentos cognitivos e afetivos, a fim de rever a posição individual nas coordenadas do mundo.

A frustração, portanto, requer um esforço de revisão consciente ou inconsciente em forma de *coping*. Seguindo Lazarus e Folkman, Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998, p. 274) definem esse termo da seguinte forma: “coping é definido como um conjunto de esforços, cognitivos e comportamentais, utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, que surgem em situações de stress e são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo seus recursos pessoais”. Nessa definição, a palavra-chave parece ser avaliação, isto é, o processamento decorre de um esforço em que o indivíduo avalia a situação, interpretando seu lugar nas coordenadas da concretização existencial.

A avaliação, com seus mecanismos de reconfiguração da narrativa identitária, vai montar uma interpretação de realidade, em que o sujeito possa se situar diante dos resultados estressantes de situações adversas. Antoniazzi, Dell'Aglio e Bandeira (1998, p. 282-283) identificam, em sua revisão, diferentes estilos de *coping*: por um lado, o estilo agressivo que processa a frustração por meio da hostilidade, por outro, a desatenção que a canaliza esquivando-se de um confronto direto. Entre esses dois polos, cada indivíduo busca para si a estratégia mais conveniente para lidar com aquilo que freia o avanço de seus projetos pessoais.

Esses diferentes estilos de enfrentamento de situações adversas, em grande parte, têm como objetivo garantir que o indivíduo volte a ter controle. Nesse sentido, Heckhausen e Schulz (1995, p. 285) escrevem: “O escopo dos fenômenos relacionados ao controle no

comportamento humano é vasto. Incluem-se diversos comportamentos, como ação direta no meio ambiente, conseguir a ajuda de outra pessoa, orar a Deus, desvalorizar metas inatingíveis e culpar os outros pelo fracasso”.¹ Ou seja, as formas como cada indivíduo enfrenta situações de frustração e de neutralização de seu potencial de agência são multiformes. Todas essas estratégias se utilizam de mecanismos narrativos, a fim de tecer uma rede teleológica que explique as motivações e os resultados da respectiva ação.

Heckhausen e Schulz (1995, p. 285) recuperam a diferenciação entre controle primário e secundário, chegando à seguinte conclusão:

Em nossa opinião, definir o controle primário como alinhar o meio ambiente com os desejos de alguém (Rothbaum et al., 1982) e o controle secundário como alinhar-se com o meio ambiente implica duas coisas: primeiro, que a ação é direcionada para o mundo externo no controle primário e para dentro em direção ao indivíduo no controle secundário; em segundo lugar, os processos de controle primário envolvem ação direta sobre o meio ambiente, enquanto os processos de controle secundário são primariamente cognitivos².

A diferença basilar entre as duas formas de controle é a direção na qual se canaliza a energia individual para administrar a própria agência. O indivíduo pode tentar influenciar o contexto que o envolve, a fim de definir o impacto que ele vai ter sobre sua narrativa. Alternativa ou concomitantemente, também pode direcionar esse esforço de controle para si mesmo, com intuito de administrar as dimensões afetivas e cognitivas que envolvem a agência. Em todo movimento de concretização existencial, a obtenção e manutenção de controle têm um papel fundamental no modo como cada indivíduo vai tecer sua narrativa de identidade, tanto no momento performático da ação, como na fase retroativa em que organiza os elementos narrativas que vão constituir sua identidade.

O controle primário está atrelado, em grande parte, a um desejo de mudar o mundo, com os espaços de interação do indivíduo. O controle secundário, por sua vez, envia esforços para fortalecer a base cognitiva e afetiva individual, o que não só relativiza frustrações sofridas, mas também arma a disposição subjetiva, a fim de melhor processar as dificuldades encontradas ao tentar satisfazer seus anseios. Essa forma de controle tem um papel fundamental, pois impacta diretamente na autoestima e, sobretudo, na estabilidade do sentido

¹ “The scope of control-related phenomena in human behavior is vast. Included are such diverse behaviors as direct action on the environment, getting someone else to help, praying to God, devaluing unattainable goals, and blaming failure on others” (HECKHAUSEN/SCHULZ, 1995, p. 285).

² “In our view, defining primary control as bringing the environment into line with one's wishes (Rothbaum et al., 1982) and secondary control as bringing oneself in line with the environment implies two things: First, that action is directed outward to the external world in primary control and inward toward the individual in secondary control; second, processes of primary control involve direct action on the environment, whereas secondary control processes are primarily cognitive” (HECKHAUSEN/SCHULZ, 1995, p. 285).

existencial. Na ausência de controle, portanto, o indivíduo não vê somente seus anseios frustrados, ele também intui a fragilização das malhas de sentidos que motivam ações individuais.

A poesia de August von Platen contém sentimentos que remetem a essas estratégias: a necessidade de enfrentamento (*coping*) e a busca por controle sobre o espaço da vida e sobre si. Nesse cenário, este artigo deseja explorar dois poemas do poeta alemão e verificar de que modo a tessitura poética encena esses movimentos. Trata-se dos poemas “Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen“ (“Aqui, onde de neve dos Alpes os cumes coruscam”) e “Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts“ (“Importa de uma pessoa a dor, de uma pessoa a ferida nada”).

Em sua análise de dois poemas do ciclo sobre Veneza, Atkins escrevia em 1952: “O leitor que conhece os detalhes da vida emocional sempre frustrada de Platen e tem uma propensão para o biográfico verá nos dois poemas algo como uma tentativa de Platen de racionalizar e dar importância à sua infelicidade pessoal criando um padrão ainda mais universal de frustração” (ATKINS, 1952, p. 259)³. Sem voltar a atenção para o biográfico, é possível identificar elementos semelhantes nos dois poemas em foco. No primeiro poema, frustração e controle são encenados no trânsito entre espaços, no segundo, a voz lírica se volta para dimensões de indiferença e formas de reação.

Trânsito entre espaços

O primeiro poema a ser discutido é o soneto com rimas cruzadas “Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen” (“Aqui, onde de neve dos Alpes os cumes coruscam”). Trata-se de um poema, em que a voz lírica se encontra inserida num espaço da natureza, onde reflete sobre seu lugar no mundo. O poema retrata, por meio da concatenação de imagens, diferentes frustrações experimentadas pela voz lírica, concluindo com uma estratégia de enfrentamento e obtenção de controle:

Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen

Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen,
Gedenk ich still vergangner Mißgeschicke,
Zurück nach Deutschland wend ich kaum die Blicke,
Ja, kaum noch vorwärts nach Italiens Grenzen.

Vergebens hasch ich nach geträumten Kränzen,

³ “The reader who knows the details of Platen's ever-frustrated emotional life and has a penchant for the biographical will see in the two poems something like an attempt by Platen to rationalize, and give importance to, his personal unhappiness by creating a still more universal pattern of frustration” (ATKINS, 1952, p. 259).

Daß ich die Stirne, die mich brennt, erquicke,
Und Seufzer wehn, die selten ich ersticke,
Als könnten Seufzer das Gemüt ergänzen!

Wo ist ein Herz, das keine Schmerzen spalten?
Und wer ans Weltenende flüchten würde,
Stets folgten ihm des Lebens Truggestalten.

Ein Trost nur bleibt mir, daß ich jeder Bürde
Vielleicht ein Gleichgewicht vermag zu halten
Durch meiner Seele ganze Kraft und Würde.
(PLATEN, 2021, s. p.)⁴

Aqui, onde de neve dos Alpes os cumes coruscam

Aqui, onde de neve dos Alpes os cumes coruscam,
Relembro, silente, passados infortúnios,
De volta à Alemanha mal volto o olhar,
Sim, mal ainda para frente às fronteiras da Itália.

Em vão agarro coroas sonhadas,
Para que a fronte que me arde reanime,
E suspiros sopram que raramente reprimo
Como se suspiros pudessem o ânimo completar!

Onde há um coração que dores não fendam?
E quem fugisse ao fim do mundo
Sempre o seguiriam da vida as ilusões.

Um consolo somente me resta, que a todo fardo
Talvez eu possa um equilíbrio contrapor
Pela força toda e dignidade de minha alma.
(Tradução nossa)

Num primeiro momento, a imagem alpina do primeiro verso, com sua natureza immaculada reforçada pela aliteração em /g/, abre uma expectativa de tranquilidade e harmonia, portanto, de satisfação. O meandro de reflexões que a voz lírica contudo traça não parte de um estado de equanimidade ou placidez. Ao contrário da tranquilidade anímica que a paisagem do primeiro verso possa sugerir, a voz lírica passa a relatar as turbulências que a acometem e a impedem de obter a quietude ansiada. O que faz irromper essa comoção anímica é seu olhar ao passado, recuperando, portanto, memórias de experiências vividas. O trabalho de rememoração parece ter um papel fundamental no processo de *coping* ou de enfrentamento. No lugar de reprimir ou de se esquivar, a voz lírica não teme um confronto direto com o passado, tampouco o reconhecimento consciente de suas frustrações. O espaço sossegado da natureza alpina e seu isolamento propiciam o acerto de contas e a produção de uma imagem atualizada do si.

⁴ Poema disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/platen/gedichte/chap068.html>. Acesso em 7 de janeiro de 2021.

Um outro elemento central da configuração espacial é sua localização limítrofe, entre a região de língua alemã e língua italiana. As duas regiões, com suas possibilidades de narrativas de identidade muito diferentes para a voz lírica, já não despertam seu interesse. O espaço cultural de sua primeira socialização o deixa indiferente e a cultura estrangeira não logra mais conquistar sua atenção. A razão para isso parecer residir na palavra-chave dessa primeira estrofe: infortúnios. Ambos os espaços de interação social, em sua representação memorial, contêm sedimentos afetivos, com cargas negativas, tendo em vista que o que se rememora é avaliado como infortúnio. Ou seja, o trabalho de rememoração recupera frustrações de anseios. Sem poder identificar potenciais de satisfação de seus projetos pessoais em nenhuma das duas regiões, a voz lírica se encontra não somente num espaço limítrofe, mas também num limiar. O momento da reflexão representa uma reconfiguração de sua narrativa pessoal, forçando-a a avaliar o passado e a idear estratégias para conceber o futuro.

Nesse limiar, entre dois espaços culturais cujo legado é o “infortúnio”, a percepção da voz lírica vai aumentando o foco, a fim de examinar de forma mais detida frustrações específicas. Vindo do espaço macrosocial das regiões culturais, seu olhar agora se detém sobre metas existenciais. Assim, os dois primeiros versos da segunda estrofe parecem se concentrar em seus méritos profissionais ou intelectuais. A imagem da “coroa” simboliza o reconhecimento social desses méritos, portanto, também remete a um conjunto de ações cujas motivações e cujos anseios foram satisfeitos. Na imagem da coroa conflui não somente a satisfação de um anseio intelectual desencadeado por processos criativos profissionais ou artísticos, nela converge também o reconhecimento dos pares ou de grupos significativos para o indivíduo. Na satisfação de anseios criativos e da demanda de reconhecimento reside um potencial de energia vital (“erquicken”, “reanimar”), cuja obtenção tem um impacto substancial no modo como a voz lírica poderia conceber a continuação de seus projetos identitários.

O cenário existencial condensado na posse da coroa, contudo, está claramente frustrado. Com efeito, o lexema “coroa” vem acompanhado do atributo “sonhada”, indicando que se trata de um anseio no qual a voz lírica investe uma quantidade substancial de energia afetiva, mas que não tem o êxito almejado como indica o lexema “vergebens” (“em vão”). Sua impotência nesse esforço é intensificada pelo uso do verbo “haschen”, traduzido como “agarrar”, que no alemão também contém semas de atabalhoamento. Essa camada semântica que caracteriza um indivíduo atarantado e confuso se opõe ao lexema “Stirn”, traduzido por “fronte” ou também testa, que pode atualizar semas de orgulho, dignidade, soberba. A voz lírica tem uma consciência muito aguda sobre essa contraposição. Na verdade, preferiria

atualizar a segunda camada semântica, envolta numa nuvem de dignidade, mas se vê confrontada com a primeira que concretiza desconforto e impotência indesejados.

Os suspiros dos últimos versos da segunda estrofe têm uma função semelhante como imagem, no sentido de ilustrar a frustração. Sua presença indica que algum anseio não está satisfeito, produzindo uma tradução corporal para indicar a angústia oriunda desse estado. A imagem dos suspiros pode estar atrelada ainda aos fracassos dos objetivos intelectuais expostos nos versos anteriores, mas também remeter, por conta das associações atreladas a esse lexema e pelo lexema “coração” na estrofe seguinte, a uma outra esfera da narrativa identitária, esta pautada por relacionamentos amorosos. A ausência de controle é tripla, pois além da impossibilidade de obtenção do recurso que desencadeia os suspiros, a voz lírica tampouco consegue reprimi-los e não consegue identificar nenhum consolo. No lugar da completude almejada, permanece o vazio intensificando a sensação de ausência múltipla de controle.

Enquanto os quartetos apresentam as frustrações, os tercetos focam em possíveis soluções. Nesse sentido, o primeiro verso procura identificar uma lógica universal que possa explicar a situação da voz lírica. Ao construir essa narrativa de explicação do mundo, a voz lírica empreende um esforço de reaver o controle. Em consonância com essa concatenação de causas e efeitos, ela também constata que a fuga para longe de espaços tomados por interações sociais (“fim do mundo”) não resolveria o hiato entre realidade e desejo. A ilusão como projeção de desejo realizado impera ininterruptamente, produzindo, portanto, renovadas formas de frustração. Diante da incontrolabilidade da realidade, a voz lírica passa a idear uma narrativa para explicar o mundo.

Nesse bojo, o último terceto volta a atenção para o espaço íntimo do si, criando uma oposição entre realidade exterior e realidade subjetiva íntima. Trata-se de um “consolo”, uma forma de remediar uma situação desconfortável. Para isso, a estratégia reside em canalizar suas energias afetivas, como recursos subjetivos pessoais, para construir uma autoimagem marcada por agência. Nessa imagem, a voz lírica deixa de ser o agente passivo, incapaz de resistir à frustração de seus anseios, construindo no lugar disso uma imagem de um sujeito que mobiliza seus recursos íntimos, a fim de obter uma forma de controle. Seus recursos afetivos, portanto, representam seu capital pessoal para o enfretamento da frustração e a reavaliação da realidade, no sentido de sentir-se agente.

Indiferença e reação

O segundo poema a ser discutido é o poema “Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts“ (‘Importa de uma pessoa a dor, de uma pessoa a ferida nada’). Trata-se de um gazal, com a palavra-refrão (radif) “nichts” (‘nada’). O estudo de Polaschegg (2005, p. 279) recupera a recepção dessa forma na Alemanha do século XIX e discute seu impacto não somente sobre a poesia de Platen, mas também de Rückert e Goethe. No lugar da tradição petrarquista atrelada ao soneto, neste poema, Platen se volta à tradição da literatura árabe. Platen se inscreve nessa tradição e problematiza, ao menos na leitura que propomos, uma discussão sobre frustração e enfrentamento ou *coping* com suas tentativas de obtenção de controle. O ponto de partida para essa problematização reside na experiência marcante da indiferença. Isto é, a voz lírica encena o embate entre duas percepções da realidade vivida: por um lado uma experiência de mundo vivida como fragilização e fragmentação por conta da dor, por outro lado, a reação dos interlocutores, cuja percepção difere completamente dessa interpretação de realidade, de modo a não mostrar qualquer envolvimento com a dor que a voz lírica experimenta. O primeiro verso propõe isso como ponto de partida para desenvolver essa ideia ao longo do poema:

Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts

Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts,
 Es kehrt an das, was Kranke quält, sich ewig der Gesunde nichts!
 Und wäre nicht das Leben kurz, das stets der Mensch vom Menschen erbt,
 So gäb's Beklagenswerteres auf diesem weiten Runde nichts!
 Einförmig stellt Natur sich her, doch tausendförmig ist ihr Tod,
 Es fragt die Welt nach meinem Ziel, nach deiner letzten Stunde nichts;
 Und wer sich willig nicht ergiebt dem ehrnen Lose, das ihm dräut,
 Der zürnt ins Grab sich rettungslos und fühlt in dessen Schlunde nichts;
 Dies wissen Alle, doch vergißt es Jeder gerne jeden Tag,
 So komme denn, in diesem Sinn, hinfort aus meinem Munde nichts!
 Vergeßt, daß euch die Welt betrügt, und daß ihr Wunsch nur Wünsche
 [zeugt,
 Laßt eurer Liebe nichts entgehn, entschlüpfen eurer Kunde nichts!
 Es hoffe Jeder, daß die Zeit ihm gebe, was sie Keinem gab,
 Denn Jeder sucht ein All zu sein und Jeder ist im Grunde nichts.
 (PLATEN, 2021, s. p.)⁵

Não importa a dor de uma pessoa

Importa de uma pessoa a dor, de uma pessoa a ferida nada,
 Repara naquilo que aflige o enfermo o eternamente são nada!
 E não fosse a vida breve, que a pessoa da pessoa herda,
 Não haveria de mais lamentável neste vasto globo nada!
 Uniforme a natureza se produz, mas multiforme é sua morte,
 Não pergunta o mundo por meu propósito, por tua derradeira hora nada;
 E quem não se submeter docilmente ao duro destino que o ameaça

⁵ Poema disponível em: <https://www.projekt-gutenberg.org/platen/gedichte/chap037.html>. Acesso em 7 de janeiro de 2021.

Sem salvação, acalentará o ódio em direção ao túmulo e sentirá, na fauce
[deste, nada;
Isto todos sabem, mas todos esquecem com gosto a cada dia,
Assim, então, venha, nesse sentido, doravante de minha boca nada!
Esqueçam que o mundo vos trai e que seu anseio somente anseio produz,
Deixai a vosso amor nada escapar, se furtar às vossas novas nada!
Cada um queira esperar que o tempo lhe dê o que a ninguém deu,
Pois cada um procura ser um tudo e cada um, no fundo, é nada.
(Tradução nossa).

A partir dessas duas percepções, o segundo verso contrapõe duas condições humanas que, de certa maneira, remetem à questão de frustração e controle. Assim, o enfermo e o são têm pontos de partida substancialmente diversos, já que seus acessos a recursos existenciais diferem. Essa diferença reside no capital corporal, incluindo nisso saúde física, mas também afetividade. Enfermidade e sanidade, portanto, representam não somente uma condição do corpo, mas também uma espécie de configuração individual que vai definir o escopo de chances no que concerne a potenciais para concretização de projetos identitários. O que se encontra no cerne da interação dessas duas formas de concretizar a existência é a indiferença. Assim, a voz lírica parte do pressuposto que sanidade e prazer não estagnam suas ações de afirmação da vida para se dedicar a enfermidade ou sofrimento de outro. Cada um permanece arremessado ao mundo, tendo que construir sua narrativa pessoal a partir do capital físico (corporal e afetivo) disponível.

A voz lírica relativiza a dor que origina da indiferença, voltando sua atenção para a efemeridade da vida. A consciência da brevidade existencial, uma brevidade experimentada a cada nova geração, a faz construir uma hierarquia, na qual a indiferença se encontra em segundo lugar, após o fluxo demasiado célere da vida. São duas frustrações, portanto, que a voz lírica precisa processar e enfrentar. A construção de hierarquias representa uma estratégia para lidar com a perda de controle que a própria condição humana impõe. Com os vetores norteadores que explicam sua visão de mundo definidos, a voz lírica passa a inserir mais informações nessa narrativa, identificando a indiferença não somente no comportamento humano, mas também na própria natureza.

Nela, ela divisa ciclos de gênese e perecimento, sem qualquer indício de sedimentação afetiva. Assim, a voz lírica parece sugerir que a própria natureza serve de modelo para o comportamento humano. Nessa a imagem, a natureza não se caracteriza como figura materna ou fonte de afeto, mas como algo mecânico em seu caráter cíclico. Em analogia a essa imagem da natureza, o outro não revela interesse por objetivos alheios, tampouco se comove com a extrema solidão ou com o medo aterrador da morte humana. Com base na construção dessa narrativa que engloba sua visão de mundo, a voz lírica também prevê estratégias comportamentais que possam amenizar a crueza dessa realidade. Ao sugerir “se submeter

docilmente ao duro destino que o ameaça”, a voz lírica encontra um compromisso que reside na aceitação serena daquilo que não é passível de controle.

Nesse movimento argumentativo, ela também esboça um cenário de adversidade no caso de não aceitação. No lugar da serenidade oriunda da submissão, ela antecipa um estado de turbulências anímicas, alimentadas pelo ódio. Assim, compreende em sua narrativa de explicação de mundo que o investimento no ódio contém um investimento na morte, e não na vida. Ela reconhece o cenário monstruoso (“na fauce deste”) e sem promessa de alternativa pacífica (“sem salvação”) que o ódio contra a indiferença adombra e assume que a impotência diante da indiferença da natureza e do mundo é de conhecimento geral. A despeito disso, expectativas, exigências, resistências continuam sendo ideadas, a fim de combater essa realidade. Com isso, a voz lírica obtém um certo grau de controle, pois ao contrário do outros que se mantêm obstinados numa luta perdida, ela assume ter entendido uma configuração básica da condição humana. Essa racionalização não a poupa da indiferença, mas lhe fornece os mecanismos para se posicionar com maior placidez diante das adversidades e das frustrações que ela produz. No esforço de racionalização e no exercício da arte de perder, esse poema contém muitas semelhanças com o “A última vez” de Mascha Kaléko (MATHIAS, p. 124), escrito quase um século mais tarde, no período da “Nova objetividade”.

Nesse mesmo movimento de racionalização da perda de controle, a voz lírica se caracteriza como alguém com acesso a um conhecimento de vida que a diferencia das massas. A partir dessa perspectiva, ela oferece outras estratégias para lidar com a ausência de controle, simulando um conjunto de iniciativas que proporcionam potenciais de agência nesse cenário. A primeira estratégia reside em não mais articular resistência contra uma condição que se revela inexoravelmente imutável. No lugar da acusação ou do enfrentamento belicoso, ela opta por se posicionar diante do mundo no marco da tolerância e da equanimidade, adotando uma atitude mais indulgente frente à traição e ao jugo do desejo. Seguindo a aceitação das limitações ela adombra três recomendações: (1) investir no amor e (2) na crença em malhas de sentido que considera dignas de compartilhamento e, por fim, (3) na esperança em receber o melhor da vida. As três estratégias representam afirmações da vida, a despeito da indiferença que prenomina em interações sociais e na própria natureza.

As estratégias de afirmação da vida, contudo, não são simples formas de se esquivar da realidade. O último verso e a presença do lexema “nada” como *radif* revelam uma voz lírica ciente da insignificância das atribuições pessoais e, sobretudo, da ausência de qualquer sentido na condição humana. Nisso, a crença em ser o “tudo” remete à construção cultural das narrativas do si como centro da percepção, enquanto o “nada” lembra da condição

humana como um ser dentre muitos, numa natureza que extrapola qualquer capacidade de compreensão. A leitura de Schmitz (1983, p. 22) identifica no poema a clara presença do niilismo. Ciente dessa ausência do sentido que frustra seu anseio de controle, a voz lírica, contudo, não se subjugava simplesmente a ela. No lugar na anuência submissa, ela opta por uma afirmação existencial que identifica o controle no conhecimento das próprias limitações. Sem possibilidades de controle primário do entorno, sua atenção se volta para o controle secundário, com foco nas estratégias afetivas e cognitivas para marcar seu lugar individual no mundo.

Considerações finais

De diferentes formas, os dois poemas encenam o modo como a voz lírica enfrenta situações de frustração e como ela busca reaver o controle perdido. Em ambas as situações, a obtenção do controle se volta para o sujeito e seu interior, numa tentativa de reorganização dos recursos cognitivos e afetivos, a fim de produzir uma nova narrativa pessoal. O processo, portanto, que tem início com experiências de frustração culmina com a reconfiguração da narrativa identitária, originando uma nova visão do si. Nela, a voz lírica reconhece as limitações que sua condição existencial lhe impõe e, partindo dessa situação, passa a ressignificar os sentidos que compõem sua malha identitária.

Em ambos os poemas, o trabalho de processamento da realidade passa por reavaliações. O resultado dessa interpretação não desemboca numa afirmação incondicional da vida. Pelo contrário, ela contém traços dessas frustrações em forma de desilusão existencial, produzindo um comportamento de sobriedade na voz lírica. Ao experimentar o impacto afetivo da ausência de controle, ela volta seu olhar para seu interior e aprende a canalizar sua afetividade, de modo a conviver com uma realidade menos imbuída de ilusão e confiança. Ciente da fragilidade do sentido, ela aprende a administrar os recursos, de fato, disponíveis. O que surge é um olhar desiludido, um olhar que mais tarde vai treinar a percepção de personagens com Gustav von Aschenbach, ou Tonio Kröger nas novelas de Thomas Mann.

NOTES ON TWO POEMS BY AUGUST VON PLATEN

ABSTRACT: August von Platen lived between 1796 and 1835. He wrote plays and poetry in German. Today he is best known for his lyrical work. Many of his poems deal with the insufficiency, rupture and fragmentation of subjective experience. In this context, this article wishes to discuss the poems “Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen“ and “Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts“, trying to reflect on how these poems discuss ways of managing frustration and gaining control.

KEYWORDS: August von Platen; Control; Frustration; “Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts”; “Hier, wo von Schnee der Alpen Gipfel Glänzen”.

REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; RUSCHEL BANDEIRA, Denise. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, vol. 3, nr. 2, 1998, p. 273-294.
- ATKINS, Stuart. A Humanistic Approach to Literature: Critical Interpretation of Two Sonnets by Platen. *The German Quarterly*, v. 25, nr. 4, p. 259-276, 1952.
- BORGSTEDT, Thomas. Der Ruf der Gondoliere. Genretheorie, Formpoetik und die Sonette August von Platens. In: MARTUS, Steffen; SCHERER, Stefan; STOCKINGER, Claudia (eds.). *Lyrik im 19. Jahrhundert. Gattungspoetik als Reflexionsmedium der Kultur*. Bern: Lang, 2005, p. 295–325.
- HECKHAUSEN, Jutta; SCHULZ, Richard. A Life-Span Theory of Control. *Psychological Review*, vol. 102, nr. 2, p. 284-304, 1995.
- MATHIAS, Dionei. O poema e dimensões da identidade. *Glauks (UFV)*, v. 15, p. 111-127, 2015.
- PLATEN, August von. *Gedichte*. Disponível em <https://www.projekt-gutenberg.org/platen/gedichte/gedichte.html>. Acesso em 7 de janeiro de 2021.
- POLASCHEGG, Andrea. Unwesentliche Formen? Die Ghasele-Dichtungen August von Platens und Friedrich Rückerts. Orientalisierende Lyrik und hermeneutische Poetik. In: MARTUS, Steffen; SCHERER, Stefan; STOCKINGER, Claudia (eds.). *Lyrik im 19. Jahrhundert. Gattungspoetik als Reflexionsmedium der Kultur*. Bern: Lang, 2005, p. 271–294.
- SEYPPEL, Joachim. Adel des Geistes: Thomas Mann und August von Platen. *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte*, v. 33, p. 565–573, 1959.
- SCHMITZ, Walter. Rhetorik des Nihilismus. Zu August von Platens Ghasele „Es liegt an eines Menschen Schmerz, an eines Menschen Wunde nichts“. In: HÄNTZSCHEL, Günter (ed.). *Vom Biedermeier zum Bürgerlichen Realismus*. Stuttgart/Weimar: Reclam, 1983, p. 22–34.
- SPAZZARINI, Serena. ‚Ich steig’ an’s land, nicht ohne furcht und zagen‘, Ovvero l’arrivo a Venezia di August von Platen e l’inizio dei sonetti veneziani. *Sinestesiaonline*, v. 22, p. 92-102, 2018.

Recebido em: 13/01/2021.

Aprovado em: 04/06/2021.